

# 5ª Parte

---

Transcrições

## Bilhete de Filho<sup>1</sup>

*João Jacques*

Há muitos anos não vejo meu pai.

Viajou.

Sem malas. Ou melhor, dentro de uma. O baú que nos despacha, como encomenda, para o outro mundo, no porão da terra.

Hoje, véspera do Dia dos Pais, lembro-me muito bem de que ele, antes de ir, se despediu de cada um de nós em particular. Foi breve, porque, quando o adeus é para sempre, a gente não fica escolhendo palavras:

– Seja bom. Obedeça a sua mãe e a seu irmão mais velho. Cuide bem das meninas...

O mais foram lágrimas de parte a parte, nessa confluência de prantos no momento difícil da separação.

Horas depois morreu. E, no dia seguinte, levamo-lo ao cemitério, cais onde os embarques e as saudades também pedem lenços.

Há muitos anos, repito, não vejo meu pai.

E é o caso de indagar de mim para mim:

– Por que não escrever-lhe? Algum inconveniente?



Querido pai,

Antes de tudo, sua benção.

Por aqui, vamos vivendo como Deus é servido. Cheios de preocupações, de problemas, muitos deles insolúveis. Quisera que o senhor ainda estivesse presente, na nossa companhia, para, com a experiência de seus anos, orientar-nos melhor, dar-nos conselhos, consolar-nos com o calor do seu coração e a melodia das suas músicas. Um dia distante faz uma falta enorme, deixa um vácuo impreenchível. Sobretudo um pai com o seu espírito e a sua sensibilidade de artista.

---

<sup>1</sup>... *Alma em corpo otto*, p. 238-240.

Mas, por outro lado, eu vejo que já era tempo de o senhor descansar. Neste mundo, tudo é atropelo. Que foi sua passagem por aqui, senão trabalhadeira e incompreensão?

Conforme sua recomendação, tenho procurado ser bom. Como, todavia, é difícil fazer o bem, diante de tanto mal que nos rodeia! Em troca de cada favor que prodigalizamos, recebemos uma ingratidão. Para cada beijo há uma bofetada. Assim mesmo, vou tocando o barco para diante e remando contra a maré. Na bondade existem, de fato, compensações íntimas que nos pagam com juros as piores desfeitas.

Sua casa não é mais aquela da Barão do Rio Branco. Saímos de lá, dois ou três meses depois de sua viagem. Fomos casando, os mais velhos. Separando-nos aos poucos. Mas, se o senhor porventura voltasse, haveria de encontrar-nos, no dia de sua chegada, todos juntos ao redor da mesa, comemorando em família, com o mais sagrado e filial dos júbilos, o seu retorno, mesmo que breve e precário.

Sabe? Eu ainda tenho os seus botões de punho e a medalha de ouro que ganhou dos alunos da Escola Alberto Nepomuceno.

Seu violino?

Não. Eu não devia dizer-lhe. Mas, o seu violino, os bárbaros o esmigalharam no quebra-quebra contra italianos e alemães, durante a última guerra. Choramos todos de indignação e tristeza. O senhor conhece como é destrutivo e impiedoso o ódio!

Bem. Não desejo encompridar demasiado estas letras, as primeiras que, em forma epistolar, lhe dirijo, selando-as e carimbando-as com a estampilha e o sinete da mais comovida saudade. É um bilhete úmido de pranto. Recado tímido de quem, infelizmente, por falta de estafeta especial ou de correio para tão longe, não espera resposta...